

Notas para a Mesa Redonda  
"O que pode ser a Comunidade de utilizadores CLAV"

a) Que modalidade de gestão poderá ser a mais adequada para a dinamização desta Comunidade?

Na verdade, a comunidade já existe faz vários anos, mesmo que de forma mais ou menos informal, essencialmente por via dos contactos feitos no âmbito dos projetos de portarias e relatórios de avaliação de massas acumuladas.

O facto de a pergunta apontar para a definição de uma modalidade de gestão e a consideração de ser necessária a sua dinamização, revela que, antes de mais, terá que haver uma formalização estatuída da dita Comunidade, e quais as suas atribuições.

Por outras palavras, assumir que a Comunidade existe, que requer ser gerida, que essa gestão deve obedecer um modelo, implica um reconhecimento oficial dessa mesma Comunidade, e implica um reconhecimento do tempo e trabalho que quem participa nessa Comunidade, ou dela faz parte como representante de alguma entidade, comunidade, ou movimento, investe/contribui para essa Comunidade. Isto, porque se trata de tempo e trabalho investido que, muitas vezes requer justificação no seio na entidade de origem, sem que haja valorização formal deste contributo.

A modalidade de gestão deve ser a que seja mais permissiva em termos de participatividade e abertura.

b) Que objetivos devem ser estabelecidos para ela, no biénio 2023-2024 e nos anos mais próximos?

Os objectivos terão, tendencialmente, orientados para a definição do enquadramento estatutário e das estratégias de formalização institucional, assim como para estabelecer preceitos, mecanismos e critérios de valorização para os diferentes níveis e tipos de contributo.

c) Que tipo de participação se pode pedir aos vários tipos de stakeholders envolvidos?

A participação a pedir dependerá do que for definido em termos estatutário e de valorização dos contributos emergentes.

Falta também definir quem deve ser considerado stakeholder, e se podem e/ou devem participar e/ou contribuir para a Comunidade entidades, pessoas singulares ou coletivas, comunidades, e movimentos sociais que não sejam percecionados como stakeholders.

(Conforme definido em seu primeiro uso em um memorando interno de 1963 no Stanford Research Institute, um stakeholder é um membro dos "grupos sem cujo apoio a organização deixaria de existir". O termo foi ampliado pelo filósofo Robert Edward Freeman em 1980. Segundo ele, os stakeholders são elementos essenciais ao planeamento estratégico de negócios.)

d) Que estratégias, parcerias e ferramentas (incluindo ferramentas tecnológicas) poderemos utilizar para apoiar e desenvolver a Comunidade CLAV?

O que perceciono é a falta de parcerias com entidades **externas** ou com grupos a nível **internacional** que se dediquem a projetos idênticos.

Noto também a falta de um debate que se estenda para lá da Administração Pública e dos detentores de cargos políticos, e que permita estabilizar a definição do que se considera funções do Estado Democrático, porque a análise funcional é o que está na base da MEF, LC e CLAV;

Noto também a falta de programas de normalização e uniformização e formalização da tramitação dos processos de negócio na Administração Pública (Governo e Administração direta e indireta do Estado, Tribunais e Ministério Público, Entidades administrativas independentes e Administração autónoma, Empresas públicas, **Autarquias** locais e Outras entidades), que têm processos de negócio iguais (como são exemplo a Gestão de Recursos Humanos, **Materiais** e Financeiros), mas com práticas diferenciadas; ou entidades públicas com fins idênticos

Noto também a falta de um debate que abranja toda a sociedade, e não somente a elite política, económica, social, intelectual, administrativa, cultural, académica, científica e artística, para expandir e arejar os critérios utilizados para avaliação da informação pública... para que esta seja mesmo pública e não apenas da **máquina** do Estado.(Y)

Luis Miguel Nunes Corujo